

TECENDO BRINCADEIRAS AFRICANAS E AFRO-BRASILEIRAS NA ESCOLA: UMA PROPOSTA PRETAGÓGICA PARA IMPLEMENTAÇÃO DA LEI Nº 10.639/2003

TEJIENDO JUEGOS ESCOLARES AFRICANOS Y AFROBRASILEÑOS: UNA PROPUESTA
PRETAGÓGICA PARA LA IMPLEMENTACIÓN DE LA LEY Nº 10.639/2003

 <https://orcid.org/0000-0003-1338-8705> Samuel Morais Silva^A

 <http://orcid.org/0000-0002-2601-3534> Sandra Haydée Petit^B

^A Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará, Brasil

^B Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará, Brasil

Recebido em: 08 mar. 2023 | Aceito em: 04 jan. 2024

Correspondência: Samuel Morais (samuelms1506@hotmail.com)

Resumo

A proposta interventiva é resultado de uma pesquisa de mestrado realizada no Programa de Pós-graduação em Educação, na Universidade Federal do Ceará (UFC), na qual tivemos como objetivo utilizar brincadeiras africanas e afro-brasileiras em aulas de recreação como instrumento facilitador para a implementação da Lei Nº 10.639/03, que reformulou a Lei de Diretrizes e Bases - LDB (9.394/96), com o advento das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira. O lócus de investigação se constitui em uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental I, na escola EEIEF 08 de Março. Essa instituição é vinculada à rede municipal de ensino da cidade do Crato, na região do Cariri, Sul do Ceará. Para tanto, realizamos intervenções pedagógicas propositivas e potencializadoras sob aporte da Pretagogia (PETIT, 2015), referencial filosófico-teórico-metodológico inventivo, criativo e artístico, equipado de conhecimento e saber de matriz africana.

Palavras-chave: Brincadeiras; Lei 10.639/03; Escola; Pretagogia.

Resumen

La propuesta de intervención es el resultado de una investigación de maestría realizada en el Programa de Posgrado en Educación de la Universidad Federal de Ceará (UFC), en la que se buscó utilizar los juegos africanos y afrobrasileños en las clases de recreación como instrumento facilitador para la implementación de la Ley Nº 10.639/03, que reformuló la Ley de Directrices y Bases - LDB (9.394/96), con el advenimiento de las Directrices Curriculares Nacionales para la Educación de las Relaciones Étnico-Raciales y para la Enseñanza de las Lenguas Africanas y Afrobrasileñas. Historia y Cultura. El locus de investigación se constituye en una clase del 4º año de la Enseñanza Básica I, de la escuela EEIEF 08 de Março. Esta institución está vinculada a la red de educación municipal de la ciudad de Crato, en la región de Cariri, al sur de Ceará. Para ello, realizamos intervenciones pedagógicas propositivas y empoderadoras bajo el aporte de la Pretagogia (AUTOR 2, 2015), marco filosófico-teórico-metodológico inventivo, creativo y artístico, dotado de saberes de origen africano.

Palabras clave: Juegos. África; Ley 10.639/03; Escuela; Pretagogía.



Apresentação

Para cada um/a que aqui nos cede, de maneira pedagógica e responsável, o diálogo, nos cabe informar que a escrita acadêmica deste artigo, tratando-se de uma investigação científica, tentou, da melhor maneira possível, obedecendo aos critérios de racionalidade e objetividade acadêmica, adaptar a linguagem sistêmica do universo científico a uma linguagem acessível e sensível à serviço das/os leitoras/es, em especial das/os professoras/es da Educação Básica, as/os quais ainda enfrentam, no chão da escola, os impasses e os limites de realizar o que a Lei 10.639/2003 exige.

Escrever um texto é sempre deixar um pouco, ou muito, de nós em cada palavra, é tecer em nós cada dizer, acrescentar escritos aos nossos corpos. Escrever é encontrar as linhas que unem nossos seres (SILVA, 2018). Assim, as linhas que costuram este artigo são a nossa formação identitária negra e a consciência pedagógica indispensável sobre a importância de ensinar a temática étnico-racial na matriz curricular das escolas. Além disso, fazer valer o marco legal da lei nº 10.639/2003, que carrega, no seu processo, um dado catalisador que é a dinâmica de movimentar o currículo escolar.

Deste modo, este artigo é escrito por mãos perpassadas por sentimentos, memórias e histórias diversas no espaço escolar. Movimentos estes que fazem dançar nossas palavras, reflexões e análises ao longo da escrita deste texto, oriundo de ações pretagógicas. Estas ações pretendem propiciar uma reflexão acerca de materiais didáticos permeados pela inserção das raízes africanas no currículo escolar, na perspectiva de movimentar outras escolas, facilitando o processo de implementação em função da legislação que evidencia a discussão sobre a educação para as relações étnico-raciais e valorização da cultura afro-brasileira na escola (SILVA, 2018).

Nesse movimento emerge o fortalecimento da aplicabilidade da Lei 10.639 sob o aporte de práticas educativas inspiradoras, que positivam e potencializam o pertencimento étnico-racial, a história da África e nossas heranças ancestrais, marcadas nas africanidades brasileiras. Vejamos o que nos diz a educadora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva:

A expressão *africanidades brasileiras* refere-se às raízes na cultura brasileira que têm origem africana. Dizendo de outra forma, queremos nos reportar ao modo de ser, de viver, de originar suas lutas, próprias dos negros brasileiros, e de outro lado, às marcas da cultura africana que, independe da origem étnica de cada brasileiro, fazem parte do seu dia-a-dia (2003, p.26, grifo da autora).

E prossegue dizendo:

[...] ultrapassam o dado ou um evento material, como um prato de sarapatel ou apresentação de rap. Elas se constituem nos processos que geram tais dados e eventos, hoje incorporados pela sociedade brasileira. Elas se constituem também dos valores que motivam tais processos e deles resultaram. Então, estudar africanidades brasileiras significa um jeito de ver a vida, o mundo, o trabalho, de conviver e lutar por sua dignidade, próprio dos descendentes de africanos que, ao participar, da construção da nação brasileira, vão deixando nos grupos outros grupos étnicos com quem convive suas influências, e, ao mesmo tempo, recebem e incorporam as daqueles (SILVA, P., 2018, p.27).

Torna-se importante elucidar que essas influências se referem às africanidades brasileiras que se originaram na África e foram trazidas para o Brasil e “[...] re-desenham e re-definem a identidade nacional e, com isso, o projeto político, econômico e social brasileiro. Ou seja, a [...] brasilidade, em muito, é tributária da africanidade” (OLIVEIRA, 2006, p.18).

O autor supracitado destaca que os elementos da cultura africana, recriados e ressignificados aqui no Brasil, são mais do que a combinação de ingredientes e festividades, são frutos de lutas, são o retrato social e racial para a manutenção da vida física, de lembranças e sabores da terra de origem, são remodelações das/os africanas/os e seus descendentes, que foram escravizados no Brasil e que buscaram formas de sobreviver e expressar seu jeito de sentir e viver (OLIVEIRA, 2006).

Para pensarmos a dimensão das africanidades para além do que está compreendido sobre os autores supracitados, nos orientamos pelas perspectivas emergentes das práticas oriundas das diversas etnias africanas marcadas através dos jogos e brincadeiras. Assim, lancemos no chão da escola, a partir desta pesquisa, brincadeiras africanas e afro-brasileiras. Possibilidades lúdicas que compreendem uma série de lógicas de sentir, fazer, pensar, inventar e encantar a ambiência escolar onde estão presentes os corpos das performances da afrodiáspora (RUFINO, 2019).

Na certeza de um mundo colonizado, onde as pessoas desaprenderam a ver as brincadeiras como dispositivo pedagógico potente, notadamente as brincadeiras africanas e afro-brasileiras foram invisibilizadas no currículo escolar. Trazemos, nesse artigo, conteúdos didáticos via o corpo encantado e a energia vital ativa que só pode vir do âmago de uma criança (MARANHÃO, 2009).

Nesse sentido, esperamos que o/a leitor/a se deixe levar pelas brincadeiras que foram realizadas por nós, autores e sujeitos na encruzilhada da pesquisa, mas que pode ser realizada no chão de outras escolas ou outros espaços educativos. As práticas não são fornecidas pelo lado despretensioso da vida e sim intencionado, no qual a brincadeira engendra processos educativos das relações étnico-raciais, que compõem o conjunto de dispositivos considerados

indutores para implementação da Lei Nº 10.639/2003, conforme a Resolução CNE/CP 01/2004¹.

Movimentando a Lei nº10.639/2003 à luz da Pretagogia

A Lei Nº 10.639/2003 que, em 9 de janeiro de 2003, completou duas décadas de reparação histórica educacional, é fruto da luta incansável do movimento negro e de movimentos sociais comprometidos com uma sociedade que seja, de fato, inclusiva, tendo a educação como um importante espaço de transformação da realidade das desigualdades étnico-raciais, com as quais ainda convivem a população negra (JESUS, 2013).

A citada Lei chama, há 20 anos, para a responsabilidade e o compromisso dos sistemas de ensino de não contribuírem para a estereotipia, o preconceito, a discriminação e a estigmatização, cujas africanidades estiveram vulneráveis ao longo da história, uma vez que a educação brasileira, em todo seu conjunto, não relacionou os diversos aspectos da cultura e da história africana, com os diversos aspectos da formação do Brasil (CUNHA JÚNIOR, 2013).

O citado autor enfatiza que, para a implementação da Lei 10.639 acontecer de fato nas escolas, se faz necessário um mínimo de base da história africana. Esta permitirá aos estudantes e professores compreenderem que o enraizamento africano é mais profundo e tem mais conteúdos do que vem sendo tratado nas escolas, no âmbito nacional de todos os níveis (CUNHA JÚNIOR, 2013, p. 28).

Nesse contexto, frente à pesquisa realizada pelos autores deste artigo, percebemos que as dificuldades de implementação da lei, no âmbito da escola, demonstram existirem, não apenas limites institucionais, legais e ideológicos, mas sobretudo limites na formação docente. Isto que dificulta ao professorado perceber, nas diversas dimensões pedagógicas e enfoques didáticos, que em tudo que seja a formação do Brasil está presente a marca ancestral africana (CUNHA JÚNIOR, 2013).

Daí a importância da formação permanente e continuada nos espaços educativos, que tenham por objetivo promover diálogos e desenvolver ações educativas entre sujeitas/os diversas/as, sejam elas/es educandas/os, professores/as, gestão escolar, técnicas/os, administração escolar, pais, mães, conselho escolar e/ou todas/os as/os profissionais que

¹ O Parecer CNE/CP 01/2004 visa atender os propósitos expressos na Indicação CNE/CP 6/2002, bem como regulamentar a alteração trazida à Lei 9394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, pela Lei 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica.

enfrentam, na integridade da escola, os impasses e os limites de realizar o que a lei 10.639 determina (SILVA, 2018).

Por isso, se tratando da implementação da citada Lei e suas formas de regulamentação nos sistemas de ensino, é fundamental que as secretarias municipais e estaduais de educação ofereçam formação qualificada com intelectuais comprometidos acerca da temática étnico-racial. Ademais, possibilitem aos educadores materiais didáticos que facilitem a sua prática pedagógica (que não se resumem a livros ou material adquirido sobrecarregado de conceitos e teorias). Além disso, orientem as escolas a reformularem, desde a constituição basilar na escrita dos projetos políticos pedagógicos, inserindo o assunto como obrigatoriedade, até as ações cotidianas no espaço escolar que exige tempo e espaço para a inserção da temática nas aulas, uma vez que o assunto só é pautado na maioria das escolas em datas comemorativas (AUTOR 1, 2018).

Nós sabemos o quanto já caminhamos em relação à educação no Brasil, no que diz à contemplação da Lei 10.639/03, no sentido de valorizar os aspectos sociais, culturais, científicos, simbólicos e com necessidade de reparação sócio-histórica do nosso povo. É inegável a importância da Lei e seus diversos desdobramentos em diversas instituições escolares, entretanto há muitos fios ainda soltos que precisam ser puxados e amarrados para que a citada Lei se torne realidade nas escolas no âmbito nacional. Especificamente, no município de Crato, cidade onde realizamos nossa pesquisa, alguns passos foram dados, mas ainda são pouquíssimos diante da longa história que antecede os caminhos percorridos até a promulgação da lei em todo o seu âmbito, tendo como cenário a cidade em questão.

Nesse sentido, para o alcance das intervenções que realizamos com ênfase na implementação da Lei 10.639, assim como os esforços para a apresentação de outras perspectivas epistemológicas, metodológicas e filosóficas, no que tange à implantação da legislação, apresentamos a seguir a Pretagogia, referencial filosófico, teórico e metodológico aglutinador para implementação da citada Lei.

Por conseguinte, apresentaremos as brincadeiras africanas e afro-brasileiras, mote dessa proposta pretagógica, orientada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais (BRASIL, 2004). Marcamos o nosso conceito de brincadeira neste artigo, na perceptiva de brincadeiras que estão ligadas à vida social, aos ensinamentos dos princípios éticos ancestrais, aprendendo formas de reconexões na coletividade, que levem

ao encontro do outro e do eu, fora dos parâmetros da racionalidade europeia (MARANHÃO, 2009).

Pretagogia: referencial filosófico-teórico-metodológico de matriz africana para a implementação da lei 10.639/2003

A Pretagogia é uma potência de vivências educativas, de exercícios pedagógicos e filosóficos inventivos, criativos e artísticos. Pretagogiar é pensar e fazer ações, direcionar atos que sejam comprometidos com a vida! Essa abordagem, que foi criada por uma comunidade inteira de aprendentes de *griot*², no sentido dado pela didática afrocentrada³, é assim apresentada por uma das três de suas criadoras (MEIJER, 2019, p. 602):

Trata-se de um jovem referencial teórico-metodológico. Ele vem acontecendo há algum tempo e envolve um coletivo de pessoas, pesquisas, práticas pedagógicas, atividades e eventos tendo como orientadora e coordenadora a professora doutora Autora 2 da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC). A pretagogia é um referencial teórico-metodológico criado para o ensino da História e da cultura africana e dos afrodescendentes (PETIT, 2015). Seus fundamentos surgem a partir do trabalho de professores, ativistas do movimento negro e intelectuais ligados direta ou indiretamente ao Núcleo de Estudo das Africanidades Cearenses (NACE), um Núcleo de Estudo Afro-brasileiro, ligado à Faculdade de Educação da UFC.

A Pretagogia, abordagem criada no âmbito do NACE – Núcleo das Africanidades Cearenses, parte do pressuposto que, para tratar das particularidades culturais das/os afrodescendentes, torna-se necessário buscar as bases conceituais filosóficas, essencialmente na Mãe África (PETIT; SILVA, 2011). Assim, tem como objetivo trazer uma abordagem afrocentrada para a formação de professoras/es:

[...] porque considera que as particularidades das expressões afrodescendentes devem ser tratadas como bases conceituais e filosóficas de origem materna, ou seja, da mãe África, dessa forma, a Pretagogia se alimenta dos saberes, conceitos e conhecimentos de matriz africana, o que significa dizer que se ampara em um modo particular de ser e de estar no mundo. Esse modo de ser é também um modo de conceber o cosmo, ou seja, uma cosmovisão africana (PETIT, 2015, p. 120).

Busca-se, nas epistemologias e metodologias pretagógicas, fomentar mudanças de postura e propiciar apropriação, que vão desde a descoberta do pertencimento afro, passando

² Os griots são contadores de história, mensageiros oficiais, cantores, poetas, musicistas, guardiões de tradições milenares. São muito importantes para a transmissão dos conhecimentos dentro das culturas de diferentes países africanos.

³ “A didática concebida pela influência direta da Pretagogia é a teoria do ensino capaz de formar para a docência a partir de princípios afrocentrados e tem como exemplo a conduta do *griot*. Dito de outra forma, a didática orientada por princípios afrocentrados é a teoria do ensino que emerge de fundamentos enraizados em saberes das culturas africanas, tendo como espelho as ações dos *griot*. Docentes são os mais velhos abundantes de sabedorias que guiam as comunidades ou coletivos de aprendizagem” (Meijer, 2019, p.605-606, grifo nosso).

pela reflexão acerca de práticas racistas que nos afetam, o reconhecimento das contribuições das/os negras/os na nossa cultura e, sobretudo, a compreensão e valorização da riqueza, diversidade e complexidade dos sistemas culturais africanos, afro-brasileiros e afrodiaspóricos em geral. Ela vem se constituindo em abordagem afrocentrada para a formação de professoras/es e suas raízes estão fincadas no solo da cosmovisão africana⁴ e a partir dessa visão de mundo, a Pretagogia apresenta os seguintes princípios (MEIJER, 2019):

O autorreconhecer-se afrodescendente, assumindo uma postura autoafirmativa e lembrando sempre a importância da raiz africana para nossa constituição como pessoa. Apropriação da ancestralidade, pois fazemos parte da linhagem que envolvem os antepassados e os mortos, [...]. A religiosidade de matriz africana, como base e entrelaçamento de todos os saberes e de todas as dimensões do conhecimento [...]. O reconhecimento da sacralidade como dimensão que perpassa todos os saberes das culturas de matriz africana [...]. O corpo como fonte primeira de conhecimento e produtor de saberes, altar espiritual que faz parte do território natureza, e, como tal elemento de sacralidade. Tradição oral valorizando o conhecimento que é repassado de modo transversal por meio da oralidade, da vivência e da experiência [...]. Princípios de circularidade na relação entre seres, os tempos e as coisas [...]. Entendimento de noção de território como espaço de tempo socialmente construído e perpassado através da história de várias gerações. E [...] a compreensão do lugar social historicamente atribuído ao negro, marcado pelo racismo estrutural, o que nos exige posturas de desconstrução do estigma forjado secularmente a população afrodescendente (PETIT, 2015, p. 122-123, grifo nosso).

Mais do que se preocupar explicitamente com o racismo, a Pretagogia busca valorizar e potencializar nossas raízes africanas, fazendo-nos reconhecer nossas heranças afroancestrais na formação cultural brasileira e transpor esses conteúdos para os currículos educacionais (PETIT, 2015). A transposição pretagógica se dá nas vivências corporais, linguagens artísticas, visitação a espaços-recursos afroancestrais, rodas de conversas, estações de aprendizagens⁵, entre outras, permitindo aos sujeitos sociais manter uma relação estreita entre vivência e teorização, no sentir do próprio corpo, os conceitos que perpassam a cosmovisão africana.

Fazendo pesquisa pretagógica temos rupturas epistemológicas, metodológicas e categorias conceituais eurocentradas. Utilizamos conceitos próprios, bibliografia pouco usual nas pesquisas científicas sobre educação das relações étnico-raciais. Criamos terminologias para propiciar um novo discurso, para termos uma nova ciência e uma nova consciência acadêmica sobre outros modos formativos.

⁴ Ver Oliveira (2006).

⁵ Dispositivo pretagógico usado nas vivências para tornar o tema da cosmovisão africana circular e transversal, através de várias temáticas interligadas.

Na pesquisa pretagógica pensamos fazendo e fazemos pensando. Não existe indissociabilidade entre o fazer e o pensar. Os campos de pesquisas pretagógicas são as realidades vividas pelo/a próprio/a pesquisador/a, que as conhecem e apenas aprofundam as suas visões e teorizam sobre este aprofundamento, cumprindo o papel primordial do pesquisador no campo, que é possibilitar aos educandos e educadores a partir de intervenções educativas, a produção de materiais didático-pedagógicos afrorreferenciados, favorecendo a transposição didática das africanidades e da ancestralidade para o currículo escolar.

A partir dessas percepções, podemos concluir que a Pretagogia significa o rompimento de pesquisas científicas com uso de metodologias eurocentradas ainda preponderante na academia pautada na racionalidade eurocêntrica, sobretudo as pesquisas com ênfase na formação de professoras/es. Nesta perspectiva, o principal instrumento de produção que a Pretagogia utiliza para transcrição das análises dos dados, é o dispositivo pretagógico das sanfonas, que são folhas A4 feitas no formato do instrumento musical e usadas nas vivências formativas como instrumento avaliativo, quando é perguntado ao sujeito/a as impressões dele/a acerca da intervenção, deixando-o/a livre para responder.

Cabe a nós dizer que o acesso ao campo foi possibilitado por um dos autores do artigo, que é professor efetivo na escola, onde adotamos como critério realizar a pesquisa com os/as seus/as respectivos/as alunos/as. Para tanto realizamos cinco encontros interventivos, um a cada mês. Nesse sentido, nossa abordagem pretagógica versa meramente sobre as brincadeiras africanas e afro-brasileiras. Embasados teoricamente nos estudos de alguns autores que pesquisam o tema, nos propomos, a partir de uma revisão bibliográfica, eleger cinco brincadeiras para pensar valores de relacionamento com os nossos ancestrais e com a nossa comunidade.

Brincadeiras africanas e afro-brasileiras

O saudoso mestre Joel Rufino diz que a palavra escravidão assusta e causa rejeição nas crianças e nos jovens afrodescendentes em relação à história da África, por trauma psicológico. Por isso, pensando em especial nas crianças, Rufino fala em difusão da potência da cultura africana a partir da valorização, sobretudo, das brincadeiras ancestrais recriadas do lado de cá do Atlântico que “[...] invocam um reposicionamento do ser via corpo, memória, afeto, comunidade, partilha e inacabamento de si” (RUFINO, 2021, p.70).

O citado autor diz que o ato de brincar está implicado a uma remontagem e um constante cultivo das dimensões fraturadas pela colonização, especialmente no que diz respeito às esferas de memória, cognição, cultura e comunidade (RUFINO, 2021). Desse modo, como já foi dito, as brincadeiras ancestrais, recriadas do lado de cá do Atlântico, fazem com que a educação escolar seja um processo educativo de descolonização fundamentalmente corporal, como expressão da liberdade do ser. Vejamos o que diz o professor Luiz Rufino:

Brincar não é apenas algo reduzido a uma determinada experiência, mas uma libertação da regulação submetida a esses aspectos que compõem o seu ato. Para um mundo que investe na dominação e alteração das formas de se usar o corpo, invocar a memória, sentir o afeto, viver a comunidade e tecer a partilha, a brincadeira como expressão da liberdade do ser é um ato de descolonização (RUFINO, 2021, p.70).

O corpo brincante é o próprio chão e montagem da educação. É ele que pode fazer a escola ser um acontecimento coletivo aos viventes, para que cada ser risque, didaticamente, a partir das brincadeiras, memórias e histórias do seu viver na relação consigo e com o outro. Cada cisma, teimosia, riso, empenho e alegria do corpo que brinca conflui um acontecimento visível e sentido:

Dribles do corpo, gargalhadas, esconderijos, invenções mirabolantes, bодоques, bexigas d'água, exércitos de pés sujos e dedões arrebatados nos paralelepípedos são sempre bem-vindos para ajudar a desatar os nós dos corpos que se acostumaram a permanecer tensos e em prontidão para a batalha (RUFINO, 2021, p.71).

Conduzidos por todos esses sentimentos corporais que são parte da natureza brincante, seguiremos para as intervenções pretagógicas vivenciadas nas aulas de Recreação, componente curricular lecionado por pedagogos/as nas séries iniciais do Ensino Fundamental I. Este componente recebe o nome de Educação Física no Ensino Fundamental II e Médio. Consideramos um espaço privilegiado para refletir e pensar as brincadeiras no contexto escolar, marcado pela invisibilidade e apagamento das brincadeiras afro e a reprodução de modelos eurocêntricos de jogos.

Agora, compartilhamos as cinco brincadeiras africanas sob auxílio da pretagogia, são corpos encantados das/os educandas/os do 4º ano do Ensino Fundamental I, brincantes (protagonistas) da nossa pesquisa interventiva.

Fogo na montanha: É uma brincadeira oriunda da Tanzânia, que compõe um dos cinquenta e quatro países do continente africano, localizado na costa leste do continente. Sobre a brincadeira: todas/os as/os jogadoras/es ficam de costas. A/o líder grita “fogo na montanha”! E todas/os jogadoras/es pulam, viram para frente e respondem “fogo”! A/o líder

tenta imaginar vários lugares diferentes para o fogo e sempre as/os jogadoras/es respondem fogo sem pular. O líder pode dizer a palavra-chave a qualquer momento, como parte de uma frase, tipo “fogo no barco azul”. Quando a palavra-chave for dita, todas/os jogadoras/es devem pular e virar para frente gritando “fogo”. Quem errar os movimentos sai do jogo, até ficar uma única pessoa (CUNHA, 2016).

Figura 1 - Aula de recreação, brincadeira africana: Fogo na Montanha.



Fonte: Os autores, 2017.

Terra-mar: É uma brincadeira oriunda de Moçambique, país localizado na porção sudeste do continente africano. Sobre a brincadeira: uma longa reta deve ser riscada no chão, ou dividida conforme as/os jogadoras/es considerarem adaptável ao momento. A brincadeira pode ser realizada também na circularidade. As crianças podem optar por qual lado querem começar, contanto que fiquem, ao iniciar a brincadeira, todas ou do lado da terra ou do mar. Ao ouvirem: “mar”, todas devem pular para o lado do mar. Ao ouvirem: “terra”, pulam para o lado da terra. Quem pular para o lado errado sai, o último que permanecer na brincadeira é o/a vencedor/a (CUNHA, 2016).

Figura 2 - Aula de recreação, brincadeira africana: Terra-Mar



Fonte: Os autores, 2017.

Acompanhe os meus pés: É uma brincadeira oriunda do Zaire, uma das dezoito províncias de Angola, localizada no Norte do país. Sobre a brincadeira: todas/os estão no círculo. A brincadeira inicia a partir do momento em que a música começa a ser entoada e o/a líder vai à frente de alguém, que compõe a roda, e faz uma ou mais expressões corporais. Se a pessoa conseguir copiar os movimentos corporais que a/o líder fizer, ela/e será a/o nova/o líder e escolherá outra pessoa para continuar. Quem não conseguir acompanhar as expressões corporais que a/o líder realizar, vai ficando de fora da brincadeira (CUNHA, 2016).

Figura 3 - Aula de recreação, brincadeira africana: Acompanhe Meus Pés



Fonte: Os autores, 2017.

Kakopi: É uma brincadeira oriunda de Uganda, segundo país sem litoral mais populoso do continente africano. Sobre a brincadeira: com exceção da/o líder, todas/os sentam-se em uma linha reta, ou círculo, com as pernas estendidas e braços assegurados. Enquanto a música vai sendo entoada, vão-se fazendo movimentos da direita para esquerda e vice-versa com o corpo. Enquanto a música vai passando e os corpos vão sendo movimentados, o líder, que irá iniciar a brincadeira, vai apontando para as pernas das pessoas que estão na roda. Quando a música parar, o líder estará apontando para uma das pernas das/os participantes, esta/e deve dobrar a perna e dizer uma palavra referente à cultura afro no tempo de um minuto. Caso ela/e não saiba, ou recorde, sairá da brincadeira. O último que ficar com a perna estendida ganha (CUNHA, 2016).

Figura 4 - Aula de recreação, brincadeira africana: Kakopi



Fonte: Os autores, 2017.

Mamba: É uma brincadeira oriunda da África do Sul, país situado na extremidade Sul do continente africano e marcado por vários ecossistemas diferentes. Sobre a brincadeira: marca-se e estabelece um limite de espaço. Todas/os devem permanecer dentro do ambiente. Decide-se no coletivo que uma/um participante seja mamba (cobra) e inicie a brincadeira. A cobra corre ao redor da área marcada e tenta apanhar as/os outras/os participantes. Quando alguém é pego, ela/e segura sobre os ombros ou cintura da/o última/o que foi pego e que representa a cobra, assim sucessivamente. Somente a primeira pessoa (a cabeça da serpente) pode pegar os membros na brincadeira, as/os demais partes do corpo podem ajudar, não permitindo que as/os adversárias/os passem, pois estes não podem atravessar pelo corpo da serpente. A/o última/o que não for pego vence (CUNHA, 2016).

Figura 5 - Aula de recreação, brincadeira africana: Mamba



Fonte: Os autores, 2017.

Entrando no território das memórias: As brincadeiras africanas e afro-brasileiras na percepção das/os educandas/os

Agora compartilhamos as falas das/os brincantes (sujeitas/os) da pesquisa carregadas de encantamentos, trazendo as avaliações delas/es acerca dos momentos. Os discursos são registros do nosso último encontro, do nosso último dia de intervenção pretagógica na escola, no qual, em círculo, dialogamos com a possibilidade de acrescentar ao nosso fazer educativo, nosso ser pedagógico, novos sentidos e significados à nossa formação por meio da reflexão sobre o que fizemos. Vamos às vozes encantadas:

Gostei muito das brincadeiras, agora vejo a África muito linda, bem alegre, não sabia que lá tem brincadeiras e eles brincam como a gente aqui no Brasil. Aprendi que a África não é só coisa ruim (estudante – 4º ano).

Eu aprendi que as brincadeiras foram trazidas pelos nossos ancestrais. Quando cheguei na minha casa, ensinei elas ao meu irmão e fui brincar com ele [...] agora eu vejo a África como um continente bem grande e bonito (discente – 4º ano).

A gente aprendeu muito, vou guardar para sempre no meu coração e passar para minhas amigas todas as brincadeiras que eu não conhecia e nem imaginava que fosse da África (educanda – 4º ano).

Eu aprendi que os nossos ancestrais resistiram também através das brincadeiras e trouxe elas para o Brasil pra gente nunca esquecer a riqueza da nossa ancestralidade negra, agora eu sou uma menina ancestralizada (estudante – 4º ano).

Eu aprendi sobre ancestralidade africana e que existe na África uma cultura muito grande, alegre, divertida, de muita beleza (discente – 4º ano).

Eu avalio como as melhores aulas que eu assisti aqui na escola, as brincadeiras africanas, a cultura africana, a gente rindo, alegre, se divertindo na praça, correndo, eu não queria que tivesse acabado as atividades sobre as brincadeiras africanas [...] é nossa ancestralidade (discente – 4º ano).

Pra onde eu for eu vou levar as brincadeiras africanas que eu aprendi com vocês [...] eu pensava que na África só tinha pobreza e sofrimento, mas depois das brincadeiras eu aprendi que não, é nossa cultura, nossa raiz, de onde viemos (educanda – 4º ano).

Todos os encontros foram bons demais, eu aprendi que as brincadeiras africanas são elementos da nossa raiz que a gente tem hoje, tipo, todas as brincadeiras que nos mostrou a verdadeira história da África como berço da humanidade [...] eu aprendi a valorizar as africanidades [...] (estudante – 4º ano).

Esses depoimentos memoráveis, que tivemos o prazer de sentir, ouvir e transcrever, em especial a última fala, a voz encantada de uma estudante do 4º ano, denunciam que a pesquisa interventiva contribuiu para conscientização, valorização e reconhecimento das africanidades, assim como avanço na implementação da Lei 10.639/2003.

Implementar a citada lei é desenvolver ações educativas na ambiência escolar, na perspectiva de mexer com o currículo da escola, através de um trabalho que traga resultados duradouros e satisfatórios, mesmo com os muitos fios soltos, que precisam ser puxados e amarrados, para que a lei se torne realidade e se efetive em todas as escolas brasileiras.

Trazer esses relatos potencializa ainda mais o nosso comprometimento com a educação das relações étnico-raciais no âmbito escolar, pois saber que uma experiência de cinco encontros formativos ajudou a transformar práticas educativas, marcar vidas, é realizar a função mesma da educação. Esta função ainda não reflete sobre a grande lacuna curricular que existe na formação das/os professoras/es, que foram privados do contato com produções bibliográficas e conteúdos que contemplem a história da cultura africana e afro-brasileira durante o processo de ensino e aprendizagem.

Considerações

Mesmo no cenário de dúvidas e risco⁶ que corria a educação brasileira no período da pesquisa, este estudo nos possibilitou apreender a necessidade de apostar na descolonização do currículo escolar, a partir de uma metodologia de ensino descolonizante. O estudo tinha como objetivo utilizar brincadeiras africanas e afro-brasileiras em aulas de recreação, como instrumento facilitador para a implementação da Lei Nº 10.639/2003, tentando oferecer, ao campo de estudo, dispositivos pretagógicos que possibilitassem avanços na implementação da citada Lei.

Evidencia-se, então, que o objetivo foi consolidado. Compreendemos que as vivências interventivas ajudaram a romper discursos usados na escola, justificando que o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira não são inseridos no currículo “porque falta material”, “porque não há recursos didáticos-pedagógicos”. Na investigação, buscamos ver, ouvir e sentir a multiplicidade de constituição dos sujeitos implicados nas aulas de recreação, para ter a sensibilidade de compreender e registrar os resultados da pesquisa, a partir das brincadeiras de matriz afro, possibilitadoras do reconhecimento do legado ancestral marcado na cultura brasileira.

Foi bonito vermos e sentirmos as/os educandas/os descortinando suas identidades, reencontrando suas ancestralidades, tornando-se conscientes de suas africanidades. Por isso, somos gratos aos nossos mais velhos, que resistiram para que nós chegássemos até aqui, e aos mais novos, especialmente as/os educandas/os da escola 08 de março, brincantes, sujeitas/os da pesquisa e que são a força motriz para nós continuarmos/seguirmos brincando pretagógicamente em outros chãos redondos escolares.

⁶ A pesquisa foi realizada em um período muito difícil, tempos de acirramento e recrudescimento da extrema direita atacando a democracia brasileira, que se constituiu com a consolidação do Golpe parlamentar, judiciário e midiático, sabotando o governo da presidenta Dilma Rousseff.

Dito isso, ressaltamos a nossa emoção de voltarmos aos braços da terra-mãe, África, através deste estudo, brincando no chão redondo da escola e poder apresentar às/aos leitoras/es as nossas heranças ancestrais fincadas no território brasileiro. Além disso, revelar que a África é todo e qualquer lugar onde estivermos, porque a África não é somente um chão de um continente. Ela possuiu alma, por isso é todo um povo, ou seja, a alma da África também somos nós, continuidades de um legado ancestral que carregamos e que exige de nós uma responsabilidade coletiva de entregar esse mundo que habitamos de uma maneira melhor do que recebemos (SOARES, 2016).

Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais*. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: MEC, 2004.
- CUNHA, Débora Alfaia da. *Brincadeiras africanas para educação cultural*. Castanhal, PA: Edição do autor, 2016.
- CUNHA JUNIOR, Henrique. Diversidade Etnocultural e Africanidades. In: JESUS, Regina de Fatima de; ARAÚJO, Mairce da Silva; CUNHA JÚNIOR, Henrique (org.). *Dez Anos da Lei Nº 10.639/03: memórias e perspectivas*. Fortaleza: Edições UFC, 2013.
- JESUS, Regina de Fátima de. Experiências compartilhadas por professores/as gonçalneses: caminhos para a Lei Nº 10.639/03. In.: JESUS, Regina de Fatima de; ARAÚJO, Mairce da Silva; CUNHA JÚNIOR, Henrique (org.). *Dez Anos da Lei Nº 10.639/03: memórias e perspectivas*. Fortaleza: Edições UFC, 2013.
- MARANHÃO, Fabiano. *Jogos africano e afro-brasileiros nas aulas de Educação Física: processos educativos das relações étnico-raciais*. Dissertação (Mestrado em Educação) –Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2009.
- MEIJER, Rebeca de Alcântara e Silva. A formação docente afrocentrada da unilab: o saber docente ancestral no ensino de didática nos países da integração. *Revista Debates em Educação*, Maceió, v.11, n.23, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/6217>.
- OLIVEIRA, David Eduardo de. *Cosmovisão Africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente*. 2 ed. Curitiba: Editora Gráfica, 2006.
- PETIT, Sandra Haydée. *Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral* Contribuições do Legado Africano para a Implementação da Lei 10.639/03. Fortaleza: EdUECE, 2015.
- PETIT, Sandra Haydée; SILVA, Geranilde Costa e. Pret@gogia: Referencial Teórico- Metodológico Para o Ensino da História e Cultura Africana e dos Afrodescendentes. In.: CUNHA JÚNIOR, Henrique; SILVA, Joselina da; NUNES, Cicera (org.). *Artefatos da cultura negra no Ceará*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- RUFINO, Luiz. *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

RUFINO, Luiz. *Vence-demanda: educação e descolonização*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2021.

SILVA, Samuel Morais. *Baobando em uma formação de raiz africana com professoras(es) da Educação Básica na cidade de Crato-Ce*. Dissertação (Mestrado em Educação) –Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Africanidades Brasileiras: esclarecendo significados e definindo procedimentos pedagógicos. *Revista do Professor*, Porto Alegre, v. 19, n. 73, p. 26-30, jan./mar. 2003.

SOARES, André Luis. *Sobre as vitórias que a história não conta*. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2016.